



Revista Base (Administração e Contabilidade) da
UNISINOS

ISSN: 1984-8196

RFDECOURT@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

COAUTORIA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: PRESSÕES, COMPLEMENTARIDADES E PRODUTIVIDADE

**PORTUGAL VASCONCELOS FERREIRA, MANUEL; CANELA, RENATA; FRIAS PINTO, CLÁUDIA;
FALASTER, CHRISTIAN DANIEL**

COAUTORIA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: PRESSÕES, COMPLEMENTARIDADES E PRODUTIVIDADE

Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS, vol. 15, núm. 1, 2018

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337258164005>

COAUTORIA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: PRESSÕES, COMPLEMENTARIDADES E PRODUTIVIDADE

CO-AUTHORSHIP IN MANAGEMENT IN BRAZIL:
PRESSURES, COMPLEMENTARITIES AND
PRODUCTIVITY

MANUEL PORTUGAL VASCONCELOS FERREIRA *
manuel.portugal.ferreira@gmail.com

Instituto Politécnico de Leiria, Universidade Nove de Julho, Brasil

RENATA CANELA * wausma@waus.com.br

Universidade Nove de Julho, Brasil

CLÁUDIA FRIAS PINTO * claudia.frias.pinto@gmail.com

Fundação Getúlio Vargas, Brasil

CHRISTIAN DANIEL FALASTER *

christianfalaster@gmail.com

Universidade Regional de Blumenau, Brasil

Revista Base (Administração e
Contabilidade) da UNISINOS, vol. 15,
núm. 1, 2018

Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Brasil

Recepção: 29 Agosto 2016
Aprovação: 20 Outubro 2017

Redalyc: [https://www.redalyc.org/
articulo.oa?id=337258164005](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337258164005)

Resumo: Neste estudo, busca-se entender por que os pesquisadores brasileiros em Administração escrevem em coautoria, quais as contribuições merecedoras de coautorias e quais critérios e práticas usam na ordenação da autoria no artigo. Face à evidência de que a maioria dos artigos é escrita dessa forma, este estudo contribui para entender a realidade na academia em Administração quanto ao que leva os pesquisadores a escrever em coautoria. Os dados usados foram coletados por questionário em uma amostra de 171 pesquisadores que publicaram em periódicos brasileiros de Administração, sujeitos a análises de estatística descritiva. Este estudo contribui para o debate atual sobre as pressões para publicar e, em especial, as relações de coautoria em Administração. Com elas, os pesquisadores visam juntar competências e conhecimentos complementares e aumentar o número e a qualidade dos artigos. A colaboração efetiva nesse modo de escrita é o que os pesquisadores valorizam e buscam, talvez pela maior dificuldade percebida para publicar nos periódicos de estratos mais altos, mas a diversidade de motivações que dirigem as coautorias permite antever que desenvolverão redes colaborativas de pesquisa com alta diversidade.

Palavras-chave: coautoria, coautores, publicação científica, pesquisa colaborativa, Administração.

Abstract: This study aims at understanding why Brazilian management scholars write in co-authorship, what contributions it guarantees and which criteria and practices are used to order authorship in the articles. Given the evidence that the majority of articles are written in co-authorship, this study contributes to understand the reality of Management at university as to what drives researchers to write in co-authorship. The data used were collected through a survey from a sample of 171 respondents that published in Brazilian journals of Management, and subject to descriptive statistical analyses. This study contributes to the current debate on the pressures to publish and the co-authorship ties in Management. With the co-authorships the researchers search to pool together complementary competences and knowledge and increase the number and quality of the articles. Effective collaboration in co-authorship is what researchers

value and seek, perhaps given the greater perceived difficulty to publish in higher status journals, but the diversity of motivations that preside to the co-authorships permit to anticipate they will develop collaborative networks of research with high diversity.

Keywords: co-authoring, co-authors, scientific publications, publishing, collaborative research, Management.

INTRODUÇÃO

Em todos os campos do conhecimento, inclusive em Administração, os pesquisadores têm trabalhado em conjunto para planejar, realizar, escrever e publicar as suas pesquisas. A colaboração científica é um fenômeno social complexo estudado desde 1960 (Glänzel e Schubert, 2005). Atualmente, as pesquisas em coautoria são quase uma norma dominante na maioria das disciplinas (Cronin, 2001; Cronin et al., 2003; Acedo et al., 2006; Bidault e Hildebrand, 2014). O número de publicações em coautoria tem aumentado também no Brasil. Esse aumento é evidente pois os artigos que tinham, em média, um autor entre 1983 e 1992, passaram a ter cerca de três autores, em média, no final dos anos 1990 (Mugnaini et al., 2004). A porcentagem de artigos em Administração e Contabilidade em coautoria aumentou de 60,9% para 82,5%, entre 2001 e 2010 (Espartel et al., 2011). Numa sondagem adicional que realizamos na base ISI *Web of Science*, de 4.705 artigos de autores brasileiros em Administração (*Business Economics*), de 2004 a 2014, 3.959 (ou 84%) foram escritos em coautoria para uma média de três autores por artigo. Assim, se é um fato que os pesquisadores cada vez mais desenvolvem as suas pesquisas e escrevem de forma colaborativa, ainda não é evidente por que isso ocorre ou o que os pesquisadores buscam nas coautorias. Este é o foco deste artigo.

A pesquisa existente em diversas disciplinas aponta alguns fatores, ou motivações, para as coautorias. Por exemplo, Hudson (1996) referiu que as coautorias sustentam a divisão do trabalho necessário, possivelmente suportando a sugestão de Barnett, Ault e Kaserman (1988), que afirmam que as coautorias permitem maior rapidez na execução do artigo. Katz e Martin (1997) indicaram que a coautoria é motivada pela busca por maior eficiência na execução e redação da pesquisa. Por fim, segundo Mello, Crubellate e Rossoni (2009), os pesquisadores respondem à pressão para publicar por meio das coautorias, pois as coautorias proporcionam maior especialização (Acedo et al., 2006) e melhoria da qualidade do artigo (Abramo et al., 2009). Trabalhar com alguém da mesma disciplina permite uma cobertura mais ampla do conhecimento, das técnicas e das metodologias necessárias para o artigo, ou o acesso a conhecimentos complementares (Manton e English, 2006).

Face à evidência de que a maioria dos artigos científicos é escrita em coautoria, neste estudo analisamos por que os pesquisadores brasileiros em Administração pesquisam, escrevem, e publicam, em coautoria. Especificamente, investigamos a pressão para a publicação, expectativas sobre as coautorias (ou o que buscam nos coautores) e o que constitui uma contribuição merecedora de coautoria. Metodologicamente, coletamos

dados por meio de um questionário enviado por e-mail aos pesquisadores que publicaram artigos em revistas brasileiras de Administração. Numa população amostral de 990 e com 171 participantes, realizamos análises de estatística descritiva.

Este artigo tem uma contribuição aos pesquisadores e às Instituições de Ensino Superior (IES). Proporciona aos pesquisadores, incluindo aos estudantes de mestrado e doutorado, um entendimento do que outros buscam nas relações de coautoria. Aos estudantes de doutorado e mestrado, proporciona melhor entendimento da importância de desenvolver relações de coautoria e o que necessitam fazer para serem legítimos coautores. O artigo mostra as contribuições que um pesquisador deve fazer para ser considerado coautor, além de como seus pares encaram as relações de parceria, contribuindo para a literatura em conjunto com artigos como Liu et al. (2016), Bajwa et al. (2016) e Bedeian et al. (2010). A discussão sobre as contribuições que levam à coautoria é importante visto que relações de coautoria podem levar a diferenças consideráveis no desempenho do pesquisador (Abbasi et al., 2011). Essas diferenças são ainda mais consideráveis em áreas como a de administração, visto que é uma disciplina que tem uma produção crescente e depende de habilidades múltiplas dos pesquisadores (Acedo et al., 2006).

Este artigo tem, também, uma contribuição mais prática para a academia Brasileira por ser um dos primeiros estudos sobre coautorias em Administração no Brasil (ver também Kirschbaum et al., 2008; Espartel et al., 2011; Espartel et al., 2013; Serra e Ferreira, 2015), clamando por mais pesquisa para o melhor entendimento de como otimizar as coautorias para melhorar o volume e qualidade da produção nacional no campo da Administração. É de salientar que, no Brasil, há fatores institucionais específicos, inexistentes em outros países, relacionados com a avaliação dos programas. Essa avaliação é realizada no Brasil pela CAPES, órgão regulador e avaliador da Pós-Graduação no Brasil – assim como o requisito da publicação de artigo por alunos, incluindo a publicação em coautoria com o orientador. Também é importante apontar que Oliveira (2013) concluiu que estudos publicados em coautoria tendem a ter maior impacto na comunidade que os publicados por autor único. Fundamentalmente, este estudo contribui para esclarecer os motivos que levam os pesquisadores brasileiros na área de Administração escrever em coautoria e o que buscam dos coautores. Aos pesquisadores mais sêniores, este artigo oferece uma imagem de como os pares encaram as parcerias e alimenta a reflexão sobre as suas atitudes e práticas em matéria de coautorias e de pesquisa. Aos dirigentes nas IES com vocação para pesquisa, proporciona uma visão das percepções dos pesquisadores com insights relevantes para promover maior (e talvez melhor) produção científica.

REVISÃO DE LITERATURA

PRESSÃO PARA PUBLICAR E COAUTORIA

A pressão para publicação parece estar cada vez mais presente na academia. Os professores sentem a pressão para publicar, dado que internacionalmente a publicação é um dos principais fatores para avaliar o mérito do pesquisador (Bennett e Taylor, 2003), obter emprego (Monteiro et al., 2004), subir na carreira (Chen, 2011), obter apoios financeiros ou bolsas de agências de fomento (Monteiro et al., 2004; Mugnaini et al., 2004). Para as IES, as publicações são usadas para avaliar cursos de graduação e, especialmente, de pós-graduação *stricto sensu* (Monteiro et al., 2004; Mugnaini et al., 2004; Judge et al., 2007) e são um dos elementos considerados nos *rankings* internacionais. No Brasil, também os estudantes de mestrado e doutorado sentem essa pressão (Chen, 2011), pois publicar é, em alguns programas, um pré-requisito para obterem seus títulos, e as publicações em conjunto com os professores orientadores é avaliada pela CAPES.

É importante ressaltar que a pressão para a publicação pode ser diferente quando comparados os professores que atuam em instituições que têm como principal motriz o ensino e os pesquisadores que atuam em instituições que tratam de ensino e pesquisa (ou têm foco em pesquisa). Essa diferença se dá pela natureza das pressões institucionais que atuam sobre as instituições de ensino com base em seus focos. Instituições que possuem programas de pós-graduação vão pressionar seus professores pesquisadores que atuam nestes programas devido às exigências da CAPES para a avaliação dos programas (Shigaki e Patrus, 2013).

Os pesquisadores respondem à pressão para publicar buscando meios para ultrapassar as dificuldades e aumentar e melhorar a sua produção. Uma resposta possível para aumentar o número de publicações, e a qualidade das publicações, está nas coautorias na pesquisa e na redação de artigos (Rossoni e Guarido, 2009). A coautoria envolve a participação de dois ou mais autores na produção e redação de um estudo (Hudson, 1996).

As evidências mostram, efetivamente, o crescimento do número de artigos publicados em coautoria. Por exemplo, Chamorro, Rubio e Miranda (2009) observaram que na pesquisa sobre marketing verde 70,23% dos artigos foram escritos por dois ou mais pesquisadores. Adicionalmente, os autores também descobriram que esta é uma tendência crescente na área, advinda da forma com a qual a pesquisa passou a ser publicada na área. Mello et al. (2009) identificaram um acréscimo de quase 86% no número de coautorias em Administração entre 2001-2003 e 2004-2006, que pode ser um efeito advindo das mudanças institucionais ocorridas naqueles anos. Moody (2004) observou o aumento do número de coautores em quase todas as disciplinas científicas, com dois ou mais autores por artigo publicado. Yang, Jaramillo e Chonko (2009) escrutinaram apenas os artigos

publicados no *Journal of Personal Selling & Sales Management* e concluíram que um artigo tinha em média três coautores. Phelan, Ferreira e Salvador (2002) analisaram o *Strategic Management Journal* e observaram que em 1980 um artigo típico tinha apenas um autor, subindo para 2 autores por artigo em 1999. Examinando a realidade brasileira, Mugnaini et al. (2004) observaram uma mudança significativa na prática de coautoria dos pesquisadores brasileiros, notando o aumento de um autor, em média, por artigo publicado entre 1983 e 1992, para aproximadamente 3 autores ao final dos anos noventa. Leal, Souza e Bortolon (2013), sobre a literatura brasileira em Finanças, notaram que o número de artigos com dois e três coautores superou o de artigos com apenas um autor. Também segundo Tonelli et al. (2003) e Mugnaini et al. (2004) a produção científica brasileira em Administração tem aumentado substancialmente nas últimas duas décadas.

JUSTIFICATIVAS PARA AS COAUTORIAS

O que procuram os pesquisadores nas coautorias? Efetivamente, podem haver múltiplas motivações para as coautorias. Por exemplo, Petry e Kerr (1981) verificaram que os autores buscam maior conhecimento nos colegas, habilidade na redação e financiamento para pesquisas. Barnett et al. (1988) constataram que buscar coautores visa reduzir o tempo e as incertezas do processo editorial. Tarnow (2002) apontou o reconhecimento público da maior produtividade intelectual em trabalhos com múltiplos autores.

A complementaridade de competências e recursos é um dos principais motores das coautorias. As coautorias permitem a divisão do trabalho entre pesquisadores, juntam habilidades distintas, combinam abordagens teóricas e disciplinares (Hudson, 1996; Manton e English, 2006) e complementam conhecimentos (Mello et al., 2009). A divisão do trabalho é particularmente relevante dado o contexto de maior tecnicidade e especialização das disciplinas e de crescente incorporação de conteúdo quantitativo que requer a aplicação de métodos estatísticos mais sofisticados e complexos (Moody, 2004). Holder, Langrehr e Schroeder (2000) argumentaram que na gênese da motivação para as coautorias está a melhoria da qualidade dos artigos. Matheus et al. (2007), face aos altos custos de pesquisa e desenvolvimento, afirmam que as coautorias permitem compartilhar recursos e infraestrutura. A interdisciplinaridade da ciência que demanda pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento (Matheus et al., 2007). As coautorias podem ser interinstitucionais e internacionais porque as tecnologias de informação e comunicação facilitam o trabalho colaborativo à distância (Laband e Tollison, 2000). As principais pressões para publicação e as principais motivações para as coautorias presentes na literatura estão na Tabela 1:

Tabela 1.

Pressões para publicar e motivos para a coautoria.

Pressões para publicar	Autores
Mérito	Bennett e Taylor (2003)
Colocação profissional	Monteiro et al. (2004)
Subir na carreira	Chen (2011)
Apoio financeiro	Monteiro et al. (2004); Mugnaini et al. (2004)
Motivos para a coautoria	Autores
Aumentar número e qualidade das publicações	Rossoni e Guarido (2009)
Aumentar a habilidade de redação	Petry e Kerr (1981)
Reduzir as incertezas do processo	Barnett et al. (1988)
Aumentar o reconhecimento público do trabalho	Tarnow (2002)
Complementar habilidades	Hudson (1996); Manton e English (2006)
Complementar conhecimentos	Mello et al. (2009)
Ter acesso a métodos complexos	Moody (2004)
Compartilhar recursos e infraestrutura	Matheus et al. (2007)

DIFICULDADES COM AS COAUTORIAS E QUEM É COAUTOR

O trabalho em coautoria tem os seus dilemas. As coautorias podem esbarrar em comportamentos e práticas que dificultam gerir as relações, o engajamento e a comunicação (Hudson, 1996). Ductor (2015) salientou que as dificuldades de coordenar as agendas dos autores podem atrasar o progresso dos trabalhos, não contribuindo para a maior eficiência ou, pelo menos, para a rapidez na execução. Os trabalhos em coautoria podem, ainda, gerar dificuldades pelo que Beaver (2001) descreveu como a “invisibilidade individual”, dado que, com muitos autores num artigo, ninguém acaba se destacando ou somente o primeiro autor se destaca.

Há, também, os potenciais comportamentos oportunistas de pesquisadores que não fazem uma contribuição intelectual substancial. Kwok (2005) refere especificamente o comportamento parasita de alguns pesquisadores que surgem listados como coautores sem terem feito uma contribuição efetiva. Estes podem ser designados por *guest authors*, ou autores convidados, para denotar que não participaram efetivamente na pesquisa ou redação do artigo (Monteiro et al., 2004), podendo ter sido convidados pelo seu prestígio e pela crença que o fato de constarem como coautores auxiliará na publicação. Adicionalmente, há a coautoria “pressionada”, em que o responsável por um grupo de pesquisa determina que seu nome seja incluso nos trabalhos de sua equipe (Bennett e Taylor, 2003). Por fim, há coautoria “fantasma”, quando não há inclusão de nomes de pesquisadores que participaram do estudo, mas não são listados como coautores (Flanagin et al., 1998).

A gestão das coautorias é crucial para o sucesso da colaboração. Uma das vertentes que necessita ser gerenciada é definir quem é coautor. Se

alguns periódicos têm normas quanto ao número de coautores que um artigo pode incluir (Dahdouh-Guebas et al., 2003), avaliar qual o mínimo de contribuição intelectual merecedora de coautoria é relevante. Esta preocupação é fundeada em evidências como as expostas em Glänzel e Schubert (2005) que mostraram que a contribuição média de um coautor se reduziu substancialmente entre 1980 e 2000. O estudo de Manton e English (2006), junto de escolas de negócios do Texas, mostrou que 36% dos entrevistados relataram ter artigos com coautores que tinham trabalhado muito pouco no artigo, e 18,5% relataram sobre coautores que nada contribuíram para o artigo.

Não é, no entanto, evidente como se avalia a contribuição dos coautores. Com o maior número de coautores listados, podemos assumir que alguns terão uma contribuição reduzida na pesquisa e no artigo propriamente. Esta assunção contrasta com a afirmativa de Hoen, Walvoort e Overbeke (1998) que a principal razão para a escolha de coautores está na sua contribuição - nas atividades de pesquisa, redação, leitura crítica, ou na revisão do artigo. Sobre o que constitui uma contribuição, Holder et al. (2000) alegaram que o uso de técnicas estatísticas sofisticadas, ter a ideia original e colaborar na redação do artigo são importantes contribuições nas coautorias. Segundo Tarnow (2002) a coautoria é merecida se o (co)autor fizer uma contribuição significativa para a concepção, design, execução, ou interpretação do estudo.

O CENÁRIO DAS COAUTORIAS NO BRASIL

As coautorias, na produção científica dos pesquisadores brasileiros, têm aumentado consideravelmente nos últimos anos (Digiampietri et al., 2015). Esse aumento no número de publicações em coautoria percebido no Brasil pode ter como fonte um foco institucional maior na pesquisa científica (Bufrem et al., 2010). A coautoria nos artigos publicados por pesquisadores brasileiros aparenta estar menos ligada às conexões dos pesquisadores dentro das próprias instituições de ensino e mais atrelada à colaboração interinstitucional, de forma que pesquisadores de programas de doutorado costumam ter mais ligações de coautoria com outras instituições (Souza et al. 2012).

Nos estudos brasileiros em Administração, é possível perceber que os pesquisadores têm uma tendência crescente em desenvolver artigos científicos em coautoria. Nos últimos anos, observou-se que grande parte das pesquisas de caráter teórico-empírico na área da administração foram publicadas em coautorias, enquanto artigos de caráter puramente teórico continuam a ser publicados, em sua maioria, por um único autor (Espartel et al., 2011). Isso pode indicar que, conforme o conhecimento sobre alguns métodos estatísticos pode ser pouco comum, os pesquisadores buscam coautorias no Brasil para poder combinar habilidades complementares nos estudos empíricos.

Um segundo motivo principal para as coautorias no Brasil seria a orientação. Ao contrário do observado em alguns países, no Brasil o orientador é um dos principais coautores no início da carreira do

pesquisador (Falaster et al., 2017). Desta forma, inserindo o pesquisador em redes de pesquisa desde o início do doutorado.

Destaca-se que a pesquisa em coautorias tornou-se mais comum no Brasil nos últimos anos (Bufrem et al., 2010). Esse aumento da produção com conjunto pode estar ligado às mudanças institucionais realizadas pela CAPES, que passaram a exigir um foco adicional dos pesquisados na publicação em revistas revisadas por pares (Shigaki e Patrus, 2013). O maior foco das instituições de incentivo e regulamentação da pesquisa científica no Brasil na produção científica tem como ponto positivo um efetivo aumento na produção geral (Falaster et al., 2016), porém, essas mudanças podem também trazer riscos como o fim da solidariedade entre pares, visto que acabam por se tornarem concorrentes pelas publicações (Patrus et al., 2015).

No estudo empírico que realizamos, e é apresentado em seguida, escrutinamos as percepções dos pesquisadores quanto à coautoria e suas práticas a respeito. Especificamente indagamos sobre os seguintes quatro elementos: a percepção sobre a fonte de pressão para publicação e objetivos com as publicações, as suas motivações para a coautoria nos artigos científicos, as tarefas que merecem coautoria num artigo, os critérios usados na ordenação dos coautores e a sua prática nesta matéria. Estes são elementos fundamentais para entender porque os pesquisadores escrevem em coautoria e as práticas efetivas dos pesquisadores brasileiros em Administração.

MÉTODO

Neste estudo, analisamos as coautorias na comunidade brasileira em Administração. Os dados foram coletados em 2014 por meio de um questionário realizado com uma amostra aleatória de pesquisadores brasileiros. Os resultados são reportados usando análises descritivas baseadas em valores médios, porcentagens e frequências das respostas.

Os dados foram coletados por questionário junto a pesquisadores que publicaram artigos em periódicos brasileiros de Administração, em todos os estratos Qualis, entre 2012 e 2014. O escopo do estudo incide sobre pesquisadores brasileiros ou afiliados às IES Brasileiras. Este procedimento, no entanto, não exclui publicações internacionais sendo que apenas visa constituir a amostra e o questionário não se refere especificamente a um artigo, mas antes ao histórico de publicações e coautorias dos pesquisadores participantes. O questionário foi enviado por e-mail para todos os coautores dos artigos identificados. Os nomes e endereços de e-mail dos coautores foram coletados dos artigos publicados ou buscados na página da universidade de afiliação. O e-mail conteve uma apresentação da pesquisa com o convite a participar no estudo e um hiperlink para o questionário. O convite foi enviado a 990 pesquisadores e teve uma taxa de resposta de 17%, para uma amostra final de 171 participantes. Para garantir anonimato e não desincentivar a participação, o questionário não conteve dados substanciais dos pesquisadores ou sua instituição que permitissem identificação posterior.

AMOSTRA

Os participantes da pesquisa foram majoritariamente professores de pós-graduação *stricto sensu* (52%), a maior parte da amostra possui doutorado completo (69%) e quase todos também possuíam o título de mestre (95%). Embora todas as IES tenham ensino, questionamos os participantes sobre a sua percepção de foco relativo em ensino ou em pesquisa a que estavam sujeitos. Previsivelmente pesquisadores que sentem maior pressão para realizar pesquisa buscarão formas de incrementar as suas publicações, sendo uma das formas as coautorias. Apenas 19% dos participantes reportaram que o seu departamento tem a pesquisa como ênfase principal e, em contraste, 65% (112) indicaram que o seu departamento tem ênfase mista no ensino e na pesquisa. A Tabela 2 descreve o perfil da amostra.

Tabela 2.
Descritivo da amostra: Perfil dos participantes.

Maior titulação acadêmica	Frequência	%
Doutorado	119	70%
Mestrado	44	26%
Graduação	8	5%
Principal ênfase do departamento em que trabalha		
Ensino e Pesquisa	112	65%
Pesquisa	32	19%
Ensino	27	16%
Nº de artigos publicados		
0-5	45	26%
6-10	30	18%
11-20	26	15%
21-50	49	29%
51 ou mais	21	12%
% De artigos escritos em coautoria		
0-25%	12	7%
26-50%	7	4%
51-75%	19	11%
76-99%	59	35%
100%	74	43%

Fonte: os autores com os dados coletados.

Quanto a produção científica da amostra, 41% dos participantes publicaram mais de 21 artigos científicos, 44% menos de 10 artigos, enquanto 26% publicaram cinco ou menos. Também é relevante que 43% dos respondentes declararam ter escrito todos os seus artigos em coautoria e 78% publicaram mais de 75% dos seus artigos em coautoria.

INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para a coleta dos dados, utilizamos um questionário inspirado nos trabalhos de Holder et al. (2000) e Tarnow (2002). As adaptações

envolveram a tradução para português e o ajustamento das questões de modo a refletirem a realidade Brasileira. Adicionalmente, enquanto o estudo de Tarnow (2002) se referiu a um só artigo – o artigo mais recente do pesquisador – no nosso estudo focamos o histórico de publicações. Realizamos pré-testes com cinco pesquisadores e professores de pós-graduação *stricto sensu*, em especial para verificar dúvidas no entendimento das questões, tempo requerido para resposta e dificuldades identificadas para responder. O questionário encontra-se disponível por meio de contato com os autores deste artigo. O questionário ficou organizado em seis partes. A primeira para a caracterização demográfica do perfil dos respondentes, titulação acadêmica, publicação científica e publicação em coautoria. A segunda parte visou identificar se os pesquisadores sentem pressão para publicar, qual ou quais as fontes dessa pressão, e quais os benefícios esperados com a publicação de seus artigos. Por exemplo, os pesquisadores podem identificar expectativas de satisfação pessoal, reconhecimento público e pelos pares, crescimento na carreira ou acesso a outros benefícios. Esta aferição é relevante na medida em que uma maior pressão pode levar os pesquisadores a buscar formas de aumentar a sua produção, por exemplo, com o recurso a coautorias. A terceira parte buscou entender a dificuldade de publicação. Na quarta parte, aferem-se as motivações para escrever em coautoria. A quinta parte destinou-se a entender quais tarefas os pesquisadores consideram merecedoras de coautoria. Na sexta parte, focamos na ordem dos autores, procurando entender quais os critérios, ou regras, e as práticas usualmente seguidas na ordenação dos autores nos artigos.

Com exceção dos dados demográficos, todas as respostas das questões foram expostas numa escala tipo Likert de 5 pontos, ancorada em 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente. As questões não permitiam resposta múltipla.

RESULTADOS

PRESSÃO PARA PUBLICAR: MITO OU REALIDADE NO BRASIL

A evidência internacional, nos países onde as universidades têm explícitos os requisitos de publicação, aponta para a existência de um sentimento de pressão para publicação (Harzing, 2007; Judge et al., 2007). Assim, questionamos os participantes “Com relação à pressão para publicar: Você se sente pressionado para publicar artigos científicos?” 91% dos participantes reconheceu essa pressão (Tabela 3), identificando como principais fontes de pressão o próprio pesquisador (88%) e, em menor grau, o departamento (55%). Quanto aos benefícios esperados da publicação são, principalmente, a satisfação pessoal (88%) e o reconhecimento pelos pares (crescer na carreira, ser conhecido no meio acadêmico). A produção científica no Brasil é, assim, ainda pouco relacionada com motivos profissionais e de mobilidade ou progressão na carreira, como evidenciado por cerca de 56% não visarem um benefício assente em conseguir emprego em outra IES. É interessante este resultado

porquanto o currículo de publicações é uma das métricas mais usadas internacionalmente para a mobilidade entre instituições e de progressão na carreira.

Tabela 3.
Pressão para publicar.

Itens	Média a	% a					Não aplicável
		1	2	3	4	5	
Você se sente pressionado para publicar artigos científicos	3,91	4%	5%	21%	35%	35%	0%
A pressão para que você publique artigos científicos vem...							
§ De você mesmo	4,39	2%	2%	5%	35%	53%	4%
§ Do seu departamento	3,56	12%	10%	16%	25%	30%	6%
§ Da administração central da sua universidade	3,03	19%	16%	20%	17%	20%	8%
§ Do seu orientador	3,02	18%	8%	8%	13%	16%	37%
§ Dos seus colegas	2,96	16%	20%	21%	21%	14%	8%
Com a publicação de seus artigos científicos, você espera...							
§ Satisfação pessoal	4,34	2%	1%	9%	35%	53%	0%
§ Crescer na carreira	4,00	5%	6%	15%	31%	43%	0%
§ Ser conhecido no meio acadêmico	3,99	3%	6%	19%	35%	38%	0%
§ Conseguir recursos das agências de fomento à pesquisa	3,73	6%	12%	16%	32%	33%	0%
§ Aumentar seu salário	2,74	26%	18%	24%	19%	13%	0%
§ Conseguir oportunidade para mudar de instituição	2,54	30%	26%	19%	10%	15%	0%

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: * 1 - Discordo totalmente, 2 - Discordo, 3 - Concordo parcialmente, 4 - Concordo e 5 - Concordo totalmente.

Estes resultados merecem reflexão, inclusive sobre o que as IES brasileiras valorizam nos currículos dos docentes para a contratação,

talvez mais notoriamente para os programas de Pós-graduação. Aspectos relacionados com a carreira, como conseguir aumentos salariais, não são especialmente valorizados – por exemplo, 68% não tem a expectativa de conseguir aumentos salariais - o que se pode explicar por a maioria das IES não usar um sistema que premia financeiramente a publicação (por exemplo, os prêmios por publicação).

As diferenças são, no entanto, assinaláveis conforme o vínculo organizacional seja com IES com foco na Pesquisa, no Ensino ou Ensino e Pesquisa. Pesquisadores em IES, ou departamentos, com foco em pesquisa sentem maior pressão para publicar (97%) face aos em IES de ensino e pesquisa (93%) e apenas ensino (74%). Perguntamos, então, aos participantes “A pressão para que você publique artigos científicos vem...”. Os pesquisadores de IES mais voltadas para pesquisa sentem que a pressão para publicar vem do próprio pesquisador (91%), do departamento (81%) e só depois da administração central da universidade (72%) (ver Tabela 4). Em contraponto, nas IES de ensino, a pressão organizacional para publicar é menor, mas é mais pessoal (93%). Salienta-se a relativa pressão para a publicação nas IES de ensino, dado que esse não é o foco e, previsivelmente, não dispõem de mecanismos de apoio e valorização.

Tabela 4.

Fonte de pressão para os pesquisadores, por foco das IES.

	IES com foco maior em ensino	IES com foco maior em pesquisa
Do seu departamento		
Discordo	52%	9%
Concordo	44%	81%
Da administração central da sua universidade		
Discordo	44%	13%
Concordo	44%	72%
De você mesmo		
Discordo	4%	6%
Concordo	93%	91%

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: Para simplificação os resultados são agregados em duas categorias: “concordo” pelo somatório das respostas para Concordo parcialmente, Concordo e Concordo totalmente, e em “discordo” pelo somatório das respostas em Discordo e Discordo totalmente.

Excluímos as respostas “não aplicável”. O foco da IES foi classificado pelo próprio entrevistado que respondeu à pesquisa.

MOTIVOS PARA AS COAUTORIAS

A literatura internacional aponta diversas motivações para a pesquisa em coautoria (Acedo et al., 2006; Barnett et al., 1988; Bidault e Hildebrand, 2014; Manton e English, 2006). Assim, questionamos os participantes quais as suas motivações para escrever em coautoria com o item “Por que você escreve em coautoria?”. Os pesquisadores brasileiros buscam as coautorias para aumentar a qualidade global do artigo (74%), juntar habilidades ou competências complementares (83%), estatísticas ou teóricas, e dividir o trabalho (59%) (Tabela 5). Estas são evidências

da preocupação em melhorar a qualidade dos artigos, numa possível resposta à maior dificuldade de publicar em melhores periódicos e conseguir aumentar a produtividade. Também relevantes são as relações pessoais e de amizade (71%) na escolha dos coautores. Ou seja, a junção de habilidades e conhecimentos complementares é importante, mas também as afinidades e laços pessoais. No entanto, e apesar de buscarem complementaridade, a motivação de trazer habilidades estatísticas para o artigo surge menos significativa; possivelmente porque uma parte substancial das pesquisas realizadas no Brasil usa metodologias qualitativas, em contraste com as publicações internacionais (Phelan et al., 2002) onde predominam as publicações com metodologias quantitativas e estatísticas multivariadas.

Tabela 5.
Motivações para coautorias.

Por que você escreve em coautoria?	Média *	% a	1	2	3	4	5
§ Para juntar habilidades ou competências complementares	4,22	1%	2%	14%	38%	44%	
§ Para aumentar a qualidade global do artigo	3,92	3%	5%	18%	44%	30%	
§ Para buscar uma ideia em conjunto	3,82	3%	6%	19%	51%	22%	
§ Para buscar, nos coautores, o conhecimento teórico deles, necessário no artigo	3,71	4%	8%	27%	35%	26%	
§ Para dividir o trabalho necessário no artigo com os coautores	3,61	5%	9%	27%	40%	19%	
§ Para aumentar a aprendizagem pessoal	3,58	5%	12%	22%	42%	19%	
§ Para criar um ambiente de trabalho intelectualmente estimulante	3,42	9%	13%	22%	38%	18%	
§ Por amizade com meus coautores	3,11	21%	8%	27%	27%	17%	
§ Para ganhar experiência na escrita de artigos	3,08	17%	16%	25%	25%	17%	
§ Para escrever o artigo mais rapidamente	3,05	18%	18%	22%	27%	15%	
§ Para aumentar o número de publicações pessoais	3,01	24%	15%	16%	27%	18%	
§ Para ajudar um colega num artigo dele	2,94	20%	16%	25%	28%	11%	
§ Para reforçar a disciplina pessoal de pesquisa e escrita	2,85	21%	19%	23%	27%	9%	
§ Para trazer habilidades estatísticas para o artigo	2,80	24%	16%	28%	21%	11%	
§ Para ajudar um estudante de doutorado nos artigos dele	2,67	26%	21%	23%	18%	12%	
§ Para ter acesso a dados	2,62	22%	27%	25%	19%	7%	
§ Para tornar o projeto mais divertido	2,37	35%	25%	18%	15%	8%	

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: a Respostas: 1- Discordo totalmente, 2- Discordo, 3- Concordo parcialmente, 4- Concordo e 5- Concordo totalmente.

As coautorias são vistas como meio para aumentar a produção científica, mas mais marcadamente para os pesquisadores menos produtivos. Ou seja, os resultados mostram que quanto maior o número

de publicações dos participantes, menos as coautorias parecem ser relevantes para efeitos de produtividade (Tabela 6). Os pesquisadores com mais publicações (51 ou mais) valorizam menos os benefícios das coautorias para aumentar a sua produção. Para estes, outros motivos regem as coautorias (como, por exemplo, para complementar as habilidades necessárias para o artigo), enquanto para os autores menos prolíficos, o foco parece estar em publicar mais.

Tabela 6.

Motivos para coautorias para os autores mais e menos produtivos.

Para aumentar o número de publicações pessoais	Número de artigos a						Total
	0-5	06-10	11-15	16-20	21-50	> 51	
Discordo	29%	27%	47%	27%	47%	57%	39%
Concordo	71%	73%	53%	73%	53%	43%	61%

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: a Somatório das respostas em Discordo e Concordo totalmente para “Discordo” e somatório das respostas de Concordo parcialmente, Concordo e Concordo totalmente para “Concordo”.

QUEM É COAUTOR

Quem é coautor num artigo ou que tarefas mínimas precisam ser realizadas para merecer coautoria? Perguntamos aos participantes sobre quais as tarefas necessárias para incluir alguém como coautor com a questão “Em sua opinião, você daria coautoria a alguém que tivesse feito somente a seguinte tarefa?”. Os resultados na Tabela 7 mostram que as funções de direção ou coordenação institucional não parecem merecer coautoria, mas várias outras tarefas que não envolvem uma contribuição intelectual também não. Por exemplo, não é suficiente preparar diagramas, formatar o artigo ou fornecer acesso a equipamento para merecer coautoria. Por outro lado, coletar dados, escrever a revisão da literatura ou fazer os tratamentos estatísticos necessários já são percebidos como efetivamente contribuindo para o conteúdo do artigo e, assim, merecedores de coautoria. Estas evidências confirmam os resultados anteriores que as coautorias visam aumentar a qualidade do artigo, a divisão do trabalho e trazer habilidades e conhecimentos complementares.

Tabela 7.

O que faz um coautor? Tarefas para merecer a coautoria no artigo.

Em sua opinião, você daria coautoria a alguém que tivesse feito somente a seguinte tarefa?	Média *	% a				
		1	2	3	4	5
§ Realizar a revisão da literatura	3,57	9%	6%	22%	42%	20%
§ Coletar os dados da pesquisa	3,26	11%	9%	37%	32%	12%
§ Fazer as estatísticas necessárias no artigo	3,22	13%	10%	32%	31%	14%
§ Quantos autores (coautores) você considera apropriado ter num artigo em Administração?	2,90	3%	22%	44%	18%	1%
§ Ter a ideia inicial para o artigo	2,82	16%	25%	29%	20%	9%
§ Obter financiamento para a pesquisa	2,51	32%	19%	25%	15%	10%
§ Definir o escopo do estudo	2,49	19%	35%	28%	15%	4%
§ Formatar e revisar o artigo	2,19	37%	24%	25%	9%	4%
§ Fornecer acesso a equipamento especializado (exemplo: software, base de dados)	2,00	43%	30%	17%	4%	6%
§ Ser chefe do seu grupo de pesquisa	1,91	50%	22%	20%	6%	3%
§ Preparar diagramas/ figuras	1,81	47%	31%	18%	2%	2%

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: a 1 - Discordo totalmente, 2 - Discordo, 3- Concordo parcialmente, 4 - Concordo e 5 - Concordo totalmente.

Qual o número de coautores que é tido como apropriado num artigo em Administração? Esta questão parece ser relevante face às críticas expostas às coautorias e ao potencial de existirem *free riders*, ou *guest authors*, mas, também, face à prática de alguns periódicos restringirem o número de coautores que admitem nas submissões. Questionamos aos participantes “Quantos autores (coautores) você considera apropriado ter num artigo em Administração?”. Os resultados mostram que não há consenso, mas deixam evidente que 83% considera adequado um artigo ter entre 2 e 4 coautores, e 66% entre 2 e 3 coautores, enquanto para 13% é indiferente. É relevante observar este resultado em face de algumas suspeições casuísticas sobre eventuais comportamentos de *free rider* em que algumas coautorias não serão merecidas. Mas, também, são dados interessantes quando recordamos que a maioria dos pesquisadores considera que, face às altas exigências, é necessário buscar a complementaridade de competências de vários pesquisadores. Qual o número ótimo de parceiros possivelmente dependerá da própria complexidade teórica ou metodológica e requisitos específicos de cada artigo.

ORDEM DE COAUTORES

Quem é listado como primeiro autor? O artigo de Maciejovsky et al. (2009) examinando cerca de trinta mil artigos em Economia, Psicologia e Marketing, concluiu que as normas sobre a ordenação dos autores variam substancialmente entre disciplinas, mas que a ordem de autoria é vista como um indicador de quem mais trabalhou no artigo. Ou seja, é possível que os leitores vejam na ordem de autoria um indicador da contribuição

relativa dos pesquisadores para o artigo. Ainda assim há práticas diferentes e Floyd et al. (1994) salientaram que o autor mais reputado, ou mais conhecido, pode ser indicado como primeiro autor, enquanto Holder et al. (2000) notaram a listagem dos coautores em ordem alfabética. Como as práticas variam, Manton e English (2006) afirmaram que o mais justo é que o pesquisador que fez a maior parte do trabalho seja listado como primeiro autor. Independentemente da prática, é comum a premissa que a ordem de autoria evidencia a contribuição relativa, e liderança, nos artigos.

Solicitamos aos participantes para avaliarem um conjunto de práticas de ordenação dos coautores (Tabela 8). 79% dos participantes concordam totalmente que o principal fator de ordenação deve ser a contribuição. Assim, discordam de outros critérios como seguir uma ordem alfabética, ordem aleatória, ordem de importância da publicação para a carreira, etc. Em suma, qualquer critério para além da contribuição é menos legitimado na ordenação dos coautores.

Tabela 8.

Em que lugar vai o meu nome? Fatores de ordenação da coautoria.

Avalie cada uma das seguintes regras de ordenação dos nomes dos coautores	Média *	% *				
		1	2	3	4	5
§ Ordem de acordo com a contribuição geral	4,67	2%	3%	2%	14%	80%
§ Alternando ordem de autoria para múltiplas submissões	1,99	48%	20%	20%	8%	4%
§ Ordem de acordo com a importância da publicação para carreira dos autores (exemplo: se mais importante para um autor esse aparece primeiro)	1,94	47%	27%	15%	5%	5%
§ Ordem alfabética	1,92	56%	15%	15%	8%	6%
§ Ordem de acordo com o prestígio do autor (exemplo: o autor com maior prestígio é listado primeiro)	1,75	55%	25%	12%	6%	2%
§ Ordem aleatória	1,47	70%	20%	4%	3%	2%
§ Ordem de acordo com a Instituição de prestígio (exemplo: se um autor está numa instituição de maior prestígio esse é listado primeiro)	1,46	63%	31%	3%	2%	1%
§ Ordem alfabética inversa	1,43	70%	20%	6%	2%	1%

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: a 1- Discordo totalmente, 2- Discordo, 3- Concordo parcialmente, 4- Concordo e 5- Concordo totalmente.

Finalmente, ainda sobre a ordem dos autores, questionamos os participantes sobre a sua prática efetiva sobre como estabelecem a ordem de coautoria. Ou seja, não apenas o que parece ser mais adequado, mas sim o que realmente fazem. Os resultados, na Tabela 9, mostram que 65% das respostas incidiram na contribuição geral e todos os outros critérios foram menos expressivos. Por exemplo, 11% afirmou usar ordem alfabética, apenas 8% a importância da publicação para a carreira, alternar ordem para múltiplas submissões (7%), instituição de prestígio (1%) e prestígio do autor (1%). Os resultados mostram que, mesmo valorizando

a contribuição para o artigo, na prática, muitos outros comportamentos emergem.

Tabela 9.

O que efetivamente faço. Regras seguidas na ordenação da coautoria.

Regra (s) que mais usualmente utiliza na ordenação dos nomes dos coautores nos artigos	% (N) a
§ Contribuição geral	65 (158)
§ Ordem alfabética	11 (26)
§ Importância da publicação para carreira dos autores (exemplo: se mais importante para um autor esse aparece primeiro)	8 (19)
§ Alternando ordem para múltiplas submissões	7 (16)
§ Prestígio do autor (exemplo: o autor com maior prestígio é listado primeiro)	5 (12)
§ Ordem aleatória	3 (8)
§ Instituição de prestígio (exemplo: se um autor está numa instituição de maior prestígio esse é listado primeiro)	1 (2)
§ Prestígio do autor (exemplo: o autor com maior prestígio é listado primeiro)	1 (2)

Fonte: os autores com os dados coletados.

Nota: a 243 respostas, dado que os participantes poderiam escolher mais de um item.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como notaram Serra et al. (2008), publicar é difícil e, muitas vezes, os autores procuram outros para ajudar nessa tarefa. A questão de Serra et al. (2008) sobre a possível falta de competências para superar a dificuldade de publicar, os nossos participantes parecem reagir estabelecendo coautorias na pesquisa e publicação. Uma análise mais profunda das motivações e expectativas para as coautorias revela que visam juntar competências e conhecimentos complementares como meio para aumentar a produção científica.

Neste estudo, e face a evidência do predomínio de artigos escritos em coautoria no Brasil, analisamos as coautorias na perspectiva de pesquisadores brasileiros de Administração. Investigamos questões como a pressão para publicar, a dificuldade de publicação, as razões para a coautoria, as contribuições que merecem coautoria e a ordem de coautoria. Os resultados mostram que os pesquisadores brasileiros sentem efetiva pressão para publicar, mas a pressão é especialmente intrínseca ao pesquisador que busca a satisfação pessoal e o reconhecimento dos pares, ainda que também percepcionem uma pressão das suas organizações e das agências reguladoras. As pressões por parte das instituições de ensino podem ser relativas à função primordial delas, conforme existem instituições que têm foco maior em ensino enquanto outras adotam um foco maior na pesquisa. Professores em programas de pós-graduação sofrem maiores pressões devido às exigências institucionais exigidas para a avaliações dos cursos de acordo com a CAPES (Shigaki e Patrus, 2013).

É razoável sugerir que, pelo menos em parte, as relações de coautoria sejam uma resposta proativa às pressões que Harzing (2007) descreveu como *publish or perish*. Efetivamente, os resultados mostram que as coautorias visam dividir o trabalho e juntar conhecimentos complementares que permitam aumentar a qualidade global do artigo e a probabilidade de publicação. No fundo, as coautorias são um veículo para aumentar a produção científica e a produção de maior impacto. A preocupação com a qualidade (Hudson, 1996) pode, aliás, estar em forte emergência face à percepção de que se tem tornado mais difícil publicar nos periódicos de estratos Qualis mais altos. E é provável que as coautorias sejam uma resposta dos pesquisadores para aumentar a qualidade global dos artigos (conforme Holder et al., 2000) e para juntar habilidades ou competências complementares (como exposto por Mello et al., 2009) para conseguir publicar.

Neste estudo não visamos avaliar a contribuição de cada coautor, embora essa seja uma linha de pesquisa futura a desenvolver. Os resultados são, no entanto, claros e os pesquisadores consideraram que a coautoria requer efetiva contribuição no trabalho de pesquisa, embora na prática existam casos de coautoria por amizade, por prestígio, ou por algum senso de obrigação. E é relevante notar que a percepção dos pesquisadores participantes é que o primeiro autor é o que teve maior contribuição no artigo. A ordenação das coautorias parece assim refletir, pelo menos na generalidade, os contributos relativos dos coautores. Em suma, para merecer legítima coautoria, os pesquisadores necessitam contribuir efetivamente para o conteúdo do artigo.

Outros resultados merecem discussão adicional. Por exemplo, as motivações exclusivamente profissionais não são as principais forças motoras do esforço comprometido com a atividade de pesquisa e publicação, como mostram os resultados que para 68% dos participantes, conseguir aumentos salariais não é uma expectativa evidente. A este respeito importa notar alguns aspectos. Primeiro, que um fator influenciador pode ser que apenas uma minoria das IES usa as recompensas financeiras (por exemplo, prêmios por publicação) como forma de incentivar a publicação científica. Segundo, importaria entender se há outros motivos profissionais que não contemplamos neste estudo. Por exemplo, os professores que atuam em instituições públicas, que têm um plano de carreira, há um nível mínimo de publicações que é considerado na progressão. Eventualmente, novos estudos poderão buscar entender em maior profundidade as motivações mais profissionais e as mais pessoais envolvidas no trabalho científico. Porquanto neste estudo os benefícios identificados que os pesquisadores visam extrair são, essencialmente, intrínsecos de satisfação pessoal, mas, também, de reconhecimento pelos pares, tais como crescer na carreira ou conseguir recursos das agências de fomento à pesquisa (onde há ponderação do currículo científico), pode haver outras especificidades relativas à situação laboral e carreira.

LIMITAÇÕES E PESQUISAS FUTURAS

Este trabalho tem algumas limitações. Um tipo de limitação prende-se com os dados coletados no questionário. Dada preocupação em não desincentivar a participação – que tendencialmente ocorre em questionários mais longos ou de resposta mais demorada – não incluímos questões que seriam interessantes para uma análise mais detalhada. Por exemplo, dados relativos aos estratos Qualis das publicações, número de artigos em cada estrato, tempo após graduação, publicações por ano e por estrato, escola em que se graduou, perfil usual dos coautores, etc. De salientar a respeito que, em especial os pesquisadores com maior número de publicações terão maior dificuldade em identificar os estratos das suas publicações e os próprios estratos Qualis mudam periodicamente. Assim, o que o questionário usado permite é capturar uma percepção geral dos pesquisadores sobre as suas relações de coautoria, mais do que a coautoria para artigos específicos. Estes dados adicionais seriam interessantes para, por exemplo, obter uma imagem mais fiável de quem são os autores mais produtivos baseado não apenas na quantidade de artigos publicados mas, também, no estrato Qualis das publicações. O debate que aqui emerge refere-se à valorização de volume versus qualidade das publicações. De igual modo, a valorização das coautorias pode ser distinta para artigos que o pesquisador busca publicar em periódicos internacionais mais renomados do que em periódicos de menor prestígio. Há, assim, amplo espaço para estudos adicionais que complementem esta análise.

O estudo foi planejado para ser descritivo, mas pesquisa futura pode inclusive buscar análises estatísticas multivariadas para entender o impacto relativo dos determinantes para a coautoria. De igual modo, ficam por explorar alguns aspectos específicos das coautorias como sejam as habilidades estatísticas, com o inglês, entre outras. A relativamente fraca valorização das competências estatísticas como motivador para a coautoria talvez se deva ao fato de que muitos estudos realizados no Brasil usem abordagens qualitativas e de estudo de caso. Estes aspectos podem ser incluídos em pesquisas futuras e permitirão entender novas vertentes e facetas da produção científica nacional em Administração.

Os resultados deste estudo deixam ainda abertas algumas dúvidas quanto ao real significado das coautorias. Por exemplo, os resultados mostraram que ser chefe de departamento ou orientador não justifica, por si, coautoria. Contudo, a evidência casuística revela que alguns professores que têm muitos artigos em coautoria com os orientandos e outros alunos. Haverá uma divergência entre a percepção dos pesquisadores e o que realmente fazem? A orientação é tida como uma contribuição efetiva, ou são as exigências dos programas quanto ao quesito de publicações que promovem estas práticas? Pesquisa futura pode investigar estes casos buscando entender como os coautores avaliam as suas contribuições relativas nos artigos. Também uma avaliação das práticas vigentes nos programas de pós-graduação permitirá entender requisitos específicos de publicação conjunta entre orientando e orientador. Este entendimento é relevante na avaliação dos méritos relativos dos pesquisadores, por

exemplo, para a concessão de bolsas de produtividade em pesquisa. Assim, pesquisa futura tem um campo munificente para entender as práticas de coautoria e até de orientação.

Outros aspetos relevantes para pesquisa futura merecem destaque. Por exemplo, neste estudo não considerámos o tempo após a graduação do doutor. No entanto, um pesquisador graduado em 2015 previsivelmente não terá a mesma quantidade de artigos que um graduado em 1990. A sua posição na carreira profissional pode exigir diferentes demandas do seu tempo – por exemplo, pela assunção de responsabilidades de coordenação de programas. O próprio perfil de competências pode ser diferente; e é notório que há atualmente maior foco nos programas de doutorado nas publicações do que havia há uma década atrás em que a apresentação de artigos em eventos era suficiente. Estes elementos, entre outros, podem ser tidos em conta em análises futuras e detalhadas da necessidade de coautores e do foco na publicação dos pesquisadores.

Como os pesquisadores selecionam os seus coautores? As relações pessoais de amizade mostraram ser relevantes neste estudo, mas é possível que os nossos dados sub-representem a importância dos laços pessoais nas relações colaborativas na pesquisa. A escolha dos parceiros de pesquisa é uma questão importante para os pesquisadores. Ficar “preso” a um coautor que não contribui efetivamente é um ônus frustrante. Pesquisa futura pode examinar em profundidade como é que as redes de parceria dos pesquisadores evoluem ao longo da sua vida e como experiências anteriores condicionam coautorias futuras. De modo similar, seria interessante examinar se as parcerias servem uma outra função crucial: a de apoio no momento de rejeição e da partilha das críticas da rejeição.

Referências

- ABBASI, A.; ALTMANN, J.; HOSSAIN, L. 2011. Identifying the effects of co-authorship networks on the performance of scholars: A correlation and regression analysis of performance measures and social network analysis measures. *Journal of Informetrics*, 5(4):594-607. <https://doi.org/10.1016/j.joi.2011.05.007>
- ABRAMO, G.; D'ANGELO, C.; DI COSTA, F.; SOLAZZI, M. 2009. University–industry collaboration in Italy: A bibliometric examination. *Technovation*, 29(6):498-507. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2008.11.003>
- ACEDO, F.; BARROSO, C.; CASANUEVA, C.; GALÁN, J. 2006. Co - authorship in management and organizational studies: An empirical and network analysis. *Journal of Management Studies*, 43(5):957-983. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2006.00625.x>
- BAJWA, N.; KÖNIG, C.; HARRISON, O. 2016. Toward evidence-based writing advice: Using applied linguistics to understand reviewers' expectations. *Academy of Management Learning & Education*, 15(3):419-434. <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0002>

- BARNETT, A.; AULT, R.; KASERMAN, D. 1988. The rising incidence of co-authorship in economics: Further evidence. *The Review of Economics and Statistics*, 70(3):539-543. <https://doi.org/10.2307/1926798>
- BEAVER, D. 2001. Reflections on scientific collaboration (and its study): past, present, and future. *Scientometrics*, 52(3):365-377. <https://doi.org/10.1023/A:1014254214337>
- BEDEIAN, A.; TAYLOR, S.; MILLER, A. 2010. Management science on the credibility bubble: Cardinal sins and various misdemeanors. *Academy of Management Learning & Education*, 9(4):715-725. <https://doi.org/10.5465/AMLE.2010.56659889>
- BENNETT, D.; TAYLOR, D. 2003. Unethical practices in authorship of scientific papers. *Emergency Medicine*, 15(3):263-270. <https://doi.org/10.1046/j.1442-2026.2003.00432.x>
- BIDAULT, F.; HILDEBRAND, T. 2014. The distribution of partnership returns: Evidence from co-authorships in economics journals. *Research Policy*, 43(6):1002-1013. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2014.01.008>
- BUFREM, L.; GABRIEL JUNIOR, R.; GONÇALVES, V. 2010. Práticas de co-autoria no processo de comunicação científica na pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. *Informação & Informação*, 15(1 esp.):111-130.
- CHAMORRO, A.; RUBIO, S.; MIRANDA, F. 2009. Characteristics of research on green marketing. *Business Strategy and the Environment*, 18(4):223-239. <https://doi.org/10.1002/bse.571>
- CHEN, X. 2011. Author ethical dilemmas in the research publication process. *Management and Organization Review*, 7(3):423-432. <https://doi.org/10.1111/j.1740-8784.2011.00229.x>
- CRONIN, B. 2001. Hyperauthorship: A postmodern perversion or evidence of a structural shift in scholarly communication practices? *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 52(7):558-569. <https://doi.org/10.1002/asi.1097>
- CRONIN, B.; SHAW, D.; LA BARRE, K. 2003. A cast of thousands: Co-authorship and sub-authorship collaboration in the 20th century as manifested in the scholarly journal literature of psychology and philosophy. *Journal of the American Society for information Science and Technology*, 54(9):855-871. <https://doi.org/10.1002/asi.10278>
- DAHDOUH-GUEBAS, F.; AHIMBISIBWE, J.; VAN MOLL, R.; KOEDAM, N. 2003. Neo-colonial science by the most industrialized upon the least developed countries in peer-reviewed publishing. *Scientometrics*, 56(3):329-343. <https://doi.org/10.1023/A:1022374703178>
- DIGIAMPIETRI, L.; SILVA, G.; LIMA, J.; MENA-CHALCO, J.; OLIVEIRA, L.; MALHEIRO, A.; MEIRA, D. 2015. Análise da evolução das relações de coautoria nos programas de pós-graduação em computação no Brasil. *Revista Electronica de Sistemas de Informação*, 14(1):1-23. <https://doi.org/10.21529/RESI.2015.1401001>
- DUCTOR, L. 2015. Does co-authorship lead to higher academic productivity? *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, 77(3):385-407. <https://doi.org/10.1111/obes.12070>
- ESPARTEL, L.; BASSO, K.; TOMAZELLI, J.; CALLEGARO, A.; VISENTINI, M. 2011. Co-autoria em ensino e pesquisa em

- Administração e Contabilidade no Brasil: Uma década em análise. *Revista de Administração IMED*, 1(1):1-28. <https://doi.org/10.18256/2237-7956/raimed.v1n1p1-28>
- ESPARTEL, L.; BASSO, K.; CALLEGARO, A.; VISENTINI, M.; TOMAZELLI, J.; ERRANDONEA, V. 2013. Colaboração científica em Administração: Análise das publicações em coautoria no Brasil no período 2000-2010. *Revista Gestão Organizacional*, 6(1):77-92.
- FALASTER, C.; FERREIRA, M.; SERRA, F. 2016. The research productivity of new Brazilian PhDs in management: A few “star” performers outshine a mass of low performers. *Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, 14(1):60-84. <https://doi.org/10.1108/MRJIAM-11-2015-0619>
- FALASTER, C.; FERREIRA, M.; GOUVEA, D. 2017. The Effect of the Advisors’ Competence in Scientific Publications Their Advisees’ Publication. *Revista de Administração Contemporânea*, 21(4):458-480. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017160118>
- FLANAGIN, A.; CAREY, L.; FONTANAROSA, P.; PHILLIPS, S.; PACE, B.; LUNDBERG, G.; RENNIE, D. 1998. Prevalence of articles with honorary authors and ghost authors in peer-reviewed medical journals. *Jama*, 280(3):222-224. <https://doi.org/10.1001/jama.280.3.222>
- FLOYD, S.; SCHROEDER, D.; FINN, D. 1994. “Only if I’m first author”: Conflict over credit in management scholarship. *Academy of Management Journal*, 37(3):734-747. <https://doi.org/10.2307/256709>
- GLÄNZEL, W.; SCHUBERT, A. 2005. Analysing scientific networks through co-authorship. In: H. MOED; W. GLÄNZEL; U. SCHMOCH, *Handbook of Quantitative Science and Technology Research*. Springer Netherlands, p. 257-276. https://doi.org/10.1007/1-4020-2755-9_12
- HARZING, A.-W. 2007. Publish or perish. Melbourne, Australia, Tarma Software Research, LTD.
- HOEN, W.; WALVOORT, H.; OVERBEKE, A. 1998. What are the factors determining authorship and the order of the authors’ names? A study among authors of the *Nederlands Tijdschrift voor Geneeskunde* (Dutch Journal of Medicine). *Jama*, 280(3):217-218. <https://doi.org/10.1001/jama.280.3.217>
- HOLDER, M.; LANGREHR, F.; SCHROEDER, D. 2000. Finance journal co-authorship: How do co-authors in very select journals evaluate the experience? *Financial Practice and Education*, 10:142-152.
- HUDSON, J. 1996. Trends in multi-authored papers in economics. *The Journal of Economic Perspectives*, 10(3):153-158. <https://doi.org/10.1257/jep.10.3.153>
- JUDGE, T.; CABLE, D.; COLBERT, A.; RYNES, S. 2007. What causes a management article to be cited: Article, author, or journal? *Academy of Management Journal*, 50(3):491-506. <https://doi.org/10.5465/AMJ.2007.25525577>
- KATZ, J.; MARTIN, B. 1997. What is research collaboration? *Research Policy*, 26(1):1-18. [https://doi.org/10.1016/S0048-7333\(96\)00917-1](https://doi.org/10.1016/S0048-7333(96)00917-1)
- KIRSCHBAUM, C.; STREHLAU, S.; MASCARENHAS, A. 2008. Aspectos institucionais nas relações de co-autoria. In: Encontro da ANPAD, XXXII, Rio de Janeiro, 2008. Anais... ANPAD.

- KWOK, L. 2005. The White Bull effect: Abusive co-authorship and publication parasitism. *Journal of Medical Ethics*, 31(9):554-556. <https://doi.org/10.1136/jme.2004.010553>
- LABAND, D.; TOLLISON, R. 2000. Intellectual collaboration. *Journal of Political Economy*, 108(3):632-662. <https://doi.org/10.1086/262132>
- LEAL, R.; DE SOUZA, V.; BORTOLON, P. 2013. Produção científica brasileira em finanças no período 2000-2010. *Revista de Administração de Empresas*, 53(1):46-55. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902013000100005>
- LIU, C; OLIVOLA, C; KOVACS, B. 2016. Co-authorship trends in the field of management: Facts and perceptions. *Academy of Management Learning & Education*, 16(1):1-46.
- MACIEJOVSKY, B.; BUDESCU, D.; ARIELY, D. 2009. The researcher as a consumer of scientific publications: How do name-ordering conventions affect inferences about contribution credits? *Marketing Science*, 28(3):589-598. <https://doi.org/10.1287/mksc.1080.0406>
- MANTON, E.; ENGLISH, D. 2006. Reasons for co-authorship in business journals and the extent of guest or gift authorships. *Delta Pi Epsilon Journal*, 48(2):86-95.
- MATHEUS, R.; VANZ, S.; MOURA, A. 2007. Co-autoria e co-invenção: Indicadores da colaboração em CT&I no Brasil. In: Congresso Iberoamericano De Indicadores De Ciencia Y Tecnología, 7, São Paulo, 2007. Anais...
- MELLO, C.; CRUBELLATE, J.; ROSSONI, L. 2009. Rede de co-autorias entre docentes de programas brasileiros de pós-graduação (stricto sensu) em Administração: Aspectos estruturais e dinâmica de relacionamento. *Revista de Administração Mackenzie*, 10(5):130-153. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000500007>
- MONTEIRO, R.; JATENE, F.; GOLDENBERG, S.; POBLACIÓN, D.; PELLIZZON, R. 2004. Critérios de autoria em trabalhos científicos: Um assunto polêmico e delicado. *Revista Brasileira Cir Cardiovascular*, 19(4):3-6. <https://doi.org/10.1590/S0102-76382004000400002>
- MOODY, J. 2004. The structure of a social science collaboration network: Disciplinary cohesion from 1963 to 1999. *American Sociological Review*, 69(2):213-238. <https://doi.org/10.1177/000312240406900204>
- MUGNAINI, R.; JANNUZZI, P.; QUONIAM, L. 2004. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: Uma análise a partir da base Pascal. *Ciência da Informação*, 33(2):123-131. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652004000200013>
- OLIVEIRA, C. 2013. Coopetição em redes interpessoais: relacionamentos cooperativos na rede de pesquisadores brasileiros em Administração. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 132 p.
- PATRUS, R.; DANTAS, D.; SHIGAKI, H. 2015. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos EBAPE*, 13(1):1-18. <https://doi.org/10.1590/1679-39518866>
- PETRY, G.; KERR, H. 1981. The rising incidence of co-authorship as a function of institutional reward systems. *Journal of Financial Education*, 10:78-84.

- PHELAN, S.; FERREIRA, M.; SALVADOR, R. 2002. The first twenty years of the Strategic Management Journal. *Strategic Management Journal*, 23(12):1161-1168. <https://doi.org/10.1002/smj.268>
- ROSSONI, L.; GUARIDO FILHO, E. 2009. Cooperação entre programas de pós-graduação em Administração no Brasil: Evidências estruturais em quatro áreas temáticas. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(30):366-390. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552009000300003>
- SERRA, F.; FIATES, G.; FERREIRA, M. 2008. Publicar é difícil ou faltam competências? *Revista de Administração Mackenzie*, 9(4):32-55. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000400004>
- SERRA, F.; FERREIRA, M. 2015. A importância da coautoria e a escolha dos coautores. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 14(4):1-6. <https://doi.org/10.5585/riac.v14i4.2287>
- SHIGAKI, H.; PATRUS, R. 2013. O papel da produção intelectual no sistema de avaliação dos programas de Administração pela Capes. *Teoria e Prática em Administração*, 2(2):126-150.
- SOUZA, C.; BARBASTEFANO, R.; LIMA, L. 2012. Redes de colaboração científica na área de química no Brasil: um estudo baseado nas coautorias dos artigos da revista *Química Nova*. *Química Nova*, 35(4):671-676. <https://doi.org/10.1590/S0100-40422012000400003>
- TARNOW, E. 2002. Co-authorship in physics. *Science and Engineering Ethics*, 8(2):175-190. <https://doi.org/10.1007/s11948-002-0017-2>
- TONELLI, M.; CALDAS, M.; LACOMBE, B.; TINOCO, T. 2003. Produção acadêmica em recursos humanos no Brasil: 1991-2000. *Revista de Administração de Empresas*, 43(1):105-122.
- YANG, Z.; JARAMILLO, F.; CHONKO, L. 2009. Productivity and co-authorship in JPSSM: A social network analysis. *Journal of Personal Selling and Sales Management*, 30(1):47-71. <https://doi.org/10.2753/PSS0885-3134300104>

Autor notes

- * Instituto Politécnico de Leiria. Escola Superior de Tecnologia e Gestão. Morro do Lena, Alto Vieiro, 2411-901, Leiria, Portugal. Universidade Nove de Julho. Programa de Mestrado e Doutorado. Av. Francisco Matarazzo, 612, Prédio C, 2º, 05001-100, São Paulo, SP, Brasil.
- * Universidade Nove de Julho. Programa de Mestrado e Doutorado. Av. Francisco Matarazzo, 612, Prédio C, 2º, 05001-100, São Paulo, SP, Brasil. Faculdades de Campinas. Av. Alan Turing, 805, Barão Geraldo, 13083-898, Campinas, SP, Brasil.
- * Fundação Getúlio Vargas. Av. 9 de Julho, 2029, Bela Vista, 01313-902, São Paulo, SP, Brasil.
- * Universidade Regional de Blumenau. Rua Antônio da Veiga, 140, Bloco D, 89012-900, Blumenau, SC, Brasil.